

COLEÇÃO FILOSOFIA VIVA

Idries Shah
**aprender
a aprender**
psicologia e espiritualidade
no caminho sufi

tradução
Fernanda Miguens
Laura Di Pietro

Tabla

Tome o infortúnio dos outros como advertência para que outros não precisem tomar como advertência o teu próprio infortúnio.

SAADI, *O Jardim das Rosas*, século XIII

Quando o camelo dos nossos esforços atola na lama, que importa se o destino está perto ou longe?

KHALILULLAH KHALILI, *Quatrains*, 1975

O mundo não tem existência senão como alegoria:
de um extremo a outro, sua condição nada mais é que farsa e jogo.

SHABISTARI, *O Jardim Secreto*, século XIII

SUMÁRIO

19 “COMEÇANDO A COMEÇAR”

ESTUDO REAL E ESTUDO IMAGINADO

29 OS SUFIS E SEUS IMITADORES

O menino e o exame

Jami e as aparências

A analogia do casaco de pele

Shibli e as pedras

Receber o que não está no seu destino

Os nós obstruindo a tecelagem

A mulher e o ser espiritual

36 ADQUIRINDO CONHECIMENTO

Saadi e o homem com uma cabeça cheia

Como encontrar seus irmãos

Olhar para si mesmo, segundo Ansari

A analogia do jardineiro

Dificuldades

Transponha a sua própria barreira

O padre e a comunidade

A demanda por risadas

Como vender livros para os eruditos

Os mortos que andam...

Junaid e os discípulos ciumentos

A docência segundo Muinuddin Chishti

49 OS SEGREDOS E OS SUFIS

Os voluntários refinados

Pão para os famintos

- 51 QUANDO TER ENCONTROS
A nascente de água doce
Sintonia segundo Shabistari
Atitudes dos discípulos
Como um idioma foi ensinado
- 56 O TETO
O teto desconhecido
Onde encontrar a verdade
Trabalhando o “Self Dominante”
A Pérola Preciosa
Compreendendo com o coração
Trabalho e trabalho
Desenvolvendo sua própria compreensão
- 63 TEXTOS CONFLITANTES
Todas as linhas são retas?
Uso e abuso dos hábitos da mente
- 65 AUTOENGANO
Minando aspirações mais baixas
A casa e o senhor da casa
- 67 JORNADAS PARA O ORIENTE
A meta e a destinação
Você pode esperar 150 anos?
Uma variedade de declarações
O ladrão sem pernas
- 70 COMO É A APARÊNCIA DE UM MESTRE SUFI
O tijolo e a casa
O que um mestre deveria ser
Para além das aparências
O armazém de cebolas

- 74 LIVROS E PARA ALÉM DOS LIVROS
Função instrumental
Realidade e potencialidade
O valor do relativo
O valor de um reino
Sufismo como ciência
Mensagem deturpada
A reportagem
- 79 SANTIDADE
Serviço
O que um santo é e faz
Conhecimento e comportamento
Um cachorro tem precedência
- 83 SIGILO
Penetração do significado
O segredo do segredo
A donzela turca
- 87 “NÃO SE PODE ENSINAR POR CORRESPONDÊNCIA”
Ingredientes
Humildade
Idolatria
Aparência e função
- 92 HISTÓRICO DA “HUMILDADE”
Relíquias não são a coisa em si
A Tradição mantida pela competência
O papel de uma intervenção
O conhecimento do fim cria os meios
A Escola
Para que a humildade não serve
Não há valor em fazer de uma função uma virtude

Rabia e a porta
A história do professor
Juntando caroços de tâmara

- 100** QUÃO SÉRIO É O ESTUDANTE?
O conhecimento enquanto percepção
O queijo e a lua

- 103** ELEMENTOS SOCIAIS E PSICOLÓGICOS NO
ESTUDO SUFI
O homem que caiu de uma montanha
O que a religião é
O gato invisível
O clérigo ladrão

SOBRE ATENÇÃO

- 109** CARACTERÍSTICAS DA ATENÇÃO E DA OBSERVAÇÃO
funcionamento do fator atenção • motivação das transações • a atenção sob controle pessoal • excesso e escassez de atenção • estudo das pessoas e das ideias independentemente do seu valor de atenção • identificação de fatores subjacentes • elevando a frequência emocional • indicadores fósseis

TEMAS DE ESTUDO SUFIS

- 117** TEMAS DE ESTUDO SUFIS
as suposições por trás das ações • exercitando o poder por meio da gentileza • copiar uma virtude • encontrar um mestre • o que se ganha com a repetição • mantos e outros apetrechos do sufi • por que se pede ajuda a você • preguiça

COISAS DO MUNDO

- 123 UM SÁBIO ORIENTAL E OS JORNAIS
Carta a um sábio
A conduta dos sufis
Proferindo o nome de Deus...
- 125 FUNDAMENTO DO INTERESSE DAS PESSOAS
Os amigos do Shaykh Abu-Ishaq
- 128 PENSANDO EM TERMOS DE OFERTA E DEMANDA
Conhecimento enquanto ação
Um livro exasperante
- 131 O EFEITO DE HISTÓRIAS E NARRATIVAS
Oposição a Arabi
- 134 HISTÓRIAS MIRACULOSAS
O rei e o lenhador
Anseio emocional
- 138 ATIVIDADE CONTÍNUA VERSUS ATIVIDADE EFETIVA
Humanos como demônios
- 140 A CAPACIDADE ANTECEDE A OPINIÃO
- 141 GANÂNCIA SANTIFICADA
- 144 IDIOTAS PSÍQUICOS
Oração inútil
- 146 QUANDO A CRÍTICA PODE PARAR
O sábio ocidental
O homem doente que amaldiçoava
- 148 INFORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA
Informação antes da opinião

Instituição sem *insight*

- 150 O ENSINAMENTO É UMA QUESTÃO DE CONDUTA
Conduta aqui não significa conformismo
Conhecimento e ação estão relacionados
A história da mosca
- 155 CONHECENDO A PRÓPRIA SINCERIDADE
O professor beduíno
- 158 OS QUE SERIAM E OS QUE DEVERIAM SER
O seu bico está na água salgada?
Um encontro com três dervixes
- 161 SATISFAÇÕES E PROPÓSITO DO RITUAL
Quando o ritualismo começa
Emoção confundida com sentimentos mais elevados
Definição de um sufi
- 163 AUTODESENVOLVIMENTO APARENTE
E AUTODESENVOLVIMENTO REAL
- 165 OS PAPÉIS DO MESTRE E DO DISCÍPULO
Discípulos que não aprendem
A história do muezim

AÇÃO E SIGNIFICADO

- 171 GENEROSIDADE VERDADEIRA E GENEROSIDADE
RELATIVA
Homens mesquinhos
- 173 POR QUE OS SUFIS SE SOBRESSAEM
- 175 A CONFUSÃO COMO UM PROBLEMA PESSOAL
Sentindo a própria nulidade

- 178 SER UM “GURU”
Os discípulos do dervixe
- 180 SISTEMAS
No caminho sufi e sobre ele
Jesus e as maçãs
- 183 O VEÍCULO E O OBJETIVO
- 185 INQUIETAÇÃO E CAMPANHA
O homem de palha
- 188 USO, ABUSO E DESUSO DAS FORMAS DE ESTUDO
O gato com um diploma universitário
- 191 POTENCIALIDADE E FUNÇÃO
O jogo de xadrez
Você sabe o que eu sou?
- 193 CONDICIONAMENTO E EDUCAÇÃO
- 195 A BUSCA POR UM HOMEM HONESTO
A história de Hatim
- 198 COMO UM MÉTODO PODE SER TÃO BOM QUANTO
OUTRO?

VINTE E TRÊS PONTOS DE ESTUDO

- 203 VINTE E TRÊS PONTOS DE ESTUDO
uma unidade viável • ser sustentado • estar fisicamente
presente • intensamente padronizado • as organizações e
a ganância • generosidade enquanto ganância • o que você
faz por si mesmo • evoluir para uma moralidade mais ele-
vada • concluindo que somos inúteis • o que atrai você a
nosso respeito... • dar e negar – e uma avaliação externa

- entre você e o conhecimento
- contato direto com uma fonte de conhecimento
- conhecimento latente
- estimular a capacidade
- estudo sistemático
- congruência e sistema
- iluminação e informação
- o hábito de julgar
- o trabalho de nível superior
- jogos e aborrecimento
- aspirações e aquisições
- opinião e fato

ESTUDO GLOBAL

- 211 APRENDIZAGEM E NÃO-APRENDIZAGEM**
Veja a mina dentro da montanha
- 215 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA SUFI**
O monumento tombado
O macaco e a cabeça
Cachorro e jantar
- 221 A IMPARCIALIDADE COMO UM PONTO DE VISTA**
Comprando o presidente
Dois homens num hospício
- 223 CARACTERÍSTICAS E PROPÓSITOS DE UM GRUPO SUFI**
- 225 PRÉ-REQUISITOS PARA UM ESTUDANTE DO SUFISMO**
Mil pessoas irão chamá-lo de incrédulo
O inseto
Todos eles se parecem
A parábola da árvore
- 229 NO COMPASSO É DESCOMPASSO**
- 232 “TINJA COM VINHO O SEU TAPETE DE ORAÇÃO”**
- 235 O MESTRE TINTUREIRO**
O rei e o sufi
Identidade equivocada

- 238 MÉTODO, SISTEMA E CONDICIONAMENTO
A raposa sem patas
- 241 CULTURA OCIDENTAL
- 243 A TRADIÇÃO OCIDENTAL
O marido herói
A história de uma orelha
- 246 COMO O SUFI ENSINA?
Em uma biblioteca
A palestra
- 250 A SABEDORIA DO IDIOTA
A jornada
- 254 ATACANDO INCÊNDIOS
O homem forte com dor
- 257 UMA PONTE E SEU USO
Dimensões de um pé
- 258 A DETERIORAÇÃO DOS ESTUDOS
O pobre verdadeiro
Proibido indianos
- 261 COMUNIDADE E DESENVOLVIMENTO HUMANO
O Mulá e a seca
Harmonia especial
- 266 O VALOR DAS SESSÕES DE PERGUNTAS E RESPOSTAS
Se as suas mãos estão cheias
A fraqueza da expectativa
- 270 DEDICAÇÃO, SERVIÇO, SINCERIDADE
A caverna do tesouro
A história do aldeão

- 274 OS SUFIS E OS ERUDITOS
Os eruditos com uma pontaria precisa
- 281 UM EMPREENDIMENTO É MEDIDO PELA INTENÇÃO,
E NÃO PELA APARÊNCIA
- 283 ORGANIZAÇÕES SUFIS
A causa e o efeito

ESTUDOS SUFIS

- 287 REUNIÃO
O barco na tempestade
- 291 A OCULTAÇÃO DAS FALHAS
- 293 SANTOS E HERÓIS
Artimanhas e cavalos
- 295 OS NÍVEIS DE SERVIÇO
- 298 RITUAL E PRÁTICA
O preço da primeira lição
- 300 ESTAR PRESENTE
- 303 O CAMINHO PARA O SUFISMO
Favores e escravos
Insensatez
Vendendo metade da casa
- 310 A CARIDADE
A caridade dos ratos
- 312 O NÚMERO DE LEITURAS DE UM LIVRO
- 315 DECLÍNIO DA INFLUÊNCIA RELIGIOSA
Por que ele ainda é normal

- 318 POR QUE NÃO PODEMOS TER UM CORDEIRO
KARAKUL BRITÂNICO?
Mantendo distância do fundo
- 323 MÉTODOS DE ENSINO E PRÉ-REQUISITOS
Quem toma conta do casaco
- 330 TRISTEZA EM “EMPREENDEMENTOS ESPIRITUAIS”
Saltar do décimo quarto andar
Morte e montanhas
- 334 ENSINO-DE-CHOQUE
Silêncio e fala
- 337 EXPECTATIVAS EMOCIONAIS
Obcecado pelo mundo
- 339 TIRANDO CONCLUSÕES PRECIPITADAS
O cristão em Meca
Como aumentar a velocidade
- 342 O ROSÁRIO E O MANTO
Deus estava morto
- 344 EXERCÍCIOS ALEATÓRIOS
A Linguagem dos Pássaros
O que ele roubou
Na dúvida, mande arrancá-los
- 348 SEGUNDO OS PRINCÍPIOS DE UMA ESCOLA
Informação e ação
- 352 ENSINO-POR-CONDUTA
A vinha-homem
- 355 O CURRÍCULO DE UMA ESCOLA
Ideia correta, materiais errados

- 362 SABENDO TUDO SOBRE ALGUÉM
- 364 OBSERVAÇÕES A PROPÓSITO DO CAMINHO DERVIXE
- 367 ENCONTROS, GRUPOS, CLASSES
- 372 DIMENSÕES INTERNAS
Queimando a Caaba
- 375 EXPLICAÇÃO
Hiri e as cinzas

“COMEÇANDO A COMEÇAR”

Até poucos anos atrás – como os literatos, os psicólogos e o número crescente de pessoas envolvidas no estudo da consciência humana, hoje em dia, nos fazem lembrar – o sufismo era como um livro fechado para a pessoa comum. Sua linguagem, na forma em que é encontrada nos textos clássicos e técnicos sufis, parecia quase impenetrável. Os orientalistas – agora, mais corretamente, renomeados Especialistas nas Ciências Humanas da África e da Ásia – mantinham quase que um monopólio das informações sobre o assunto e ainda discordavam extensivamente sobre o que era o sufismo, quando e onde começou, e o significado dos seus ensinamentos. Alguns estudiosos do Islã eram contra o sufismo, outros o consideravam sua verdadeira essência. Alguns analistas não-muçulmanos foram fortemente atraídos por ele, outros o consideraram culturalmente comprometido demais.

As publicações de histórias sufis – desprovidas de uma camada didática e de muita verbosidade – juntamente com estudos sobre o trabalho psicológico sufi e, sobretudo, com as analogias observadas em relação a algumas questões culturais e sociais atuais, modificou esse quadro dramaticamente. Hoje em dia se reconhece, de modo geral, que a pesquisa e a experiência sufi ao longo dos últimos mil anos foi uma das áreas de desenvolvimento mais promissoras no que se refere à compreensão do ser humano e à revelação da sua capacidade de percepção de uma realidade extradimensional. Mas foi somente quando as pessoas, especialmente no Ocidente, começaram a observar a congruência do pensamento religioso e psicológico, esotérico e cultural, que uma abordagem mais holística do assunto pôde se desenvolver.

Entretanto, os retardatários da ciência ainda consideram o sufismo um esoterismo misterioso; os cultores ainda querem preservar essa aura; e uns poucos eruditos reivindicam a legitimidade exclusiva das suas interpretações – apresentando, ocasionalmente, um espetáculo que nos remete ao alquimista que se opõe à química porque não a compreende.

O trabalho de mostrar as múltiplas facetas e a relevância atual do sufismo não foi difícil, por conta de dois pré-requisitos: a liberdade de publicação e a insatisfação crescente, em muitas culturas, com uma autoridade mesquinha e ignorante. Bastou citar, de fontes sufis legítimas – inclusive documentos –, ensinamentos que apresentam um interesse tanto científico quanto religioso, e demonstrar, a partir dessas mesmas fontes, que os *insights* psicológicos dos sufis constituem um manancial de conhecimento contínuo, que não deixa nada a desejar às conquistas contemporâneas daqueles que trabalham no campo da mente. Além disso, a “descoberta” dos sufis por muitos desses profissionais de importância inegável, e a existência de uma tradição sufi viva, preservada do culto repetitivo e de outros elementos deteriorados, possibilitaram, rapidamente (no âmbito de uma década), que vários profissionais não só apresentassem materiais que comprovaram muito da verdadeira natureza do patrimônio sufi, mas também confirmassem sua atividade contínua.

Objetou-se, naturalmente, que a “popularização” dos materiais sufis poderia afastar muitas pessoas dos antigos valores e tradições que – alguns acreditam – eles deveriam representar. Na verdade, aconteceu o inverso. Nas seguidas publicações, até mesmo os eruditos tradicionalistas e conservadores, assim como muitos outros ocidentais e orientais, aceitaram entusiasticamente a recente recuperação do significado dos materiais, e o número de pessoas interessadas aumentou enormemente. Desdenhar esses recém-chegados porque nem sempre são orientalistas profissionais ou cultores (muita gente ainda é as duas coisas) é deixar

de observar que muitos deles são, no mínimo, tão inteligentes, bem informados e potencialmente úteis na pesquisa humana quanto os “especialistas”. De fato, um dos aspectos mais tristes da reação, em alguns meios, à revelação de novos *insights* sobre o sufismo essencial, foi a exibição de um assombroso e primitivo fanatismo e uma estreiteza de espírito, em círculos onde essas características são prejudiciais à honra da erudição e põem em risco as chances de tais pessoas continuarem a ser levadas a sério por aqueles cujo respeito lhes é tão caro.

Em resumo, o sufismo “chegou” à mente das pessoas nas áreas mais flexíveis e cada vez mais interessantes do pensamento contemporâneo. Tornou-se, também, parte da experiência e do interesse de algumas das pessoas mais eminentes de hoje em todo o mundo. Tem operado amplamente em áreas gerais e transdisciplinares como um fator cujo valor e contribuição não podem ser negados ou detidos. Ocorre que mais pessoas estão preparadas para estudar uma verdade perene, independentemente das manifestações locais e formas sociológicas derivativas, de valor sobretudo antropológico.

Tradicionalmente, o entendimento sufi baseou-se de maneira substancial em sessões de perguntas e respostas. As páginas seguintes, selecionadas para dar uma amostra dos materiais suscitados durante centenas de horas de palestras, abordam muitos dos assuntos que atualmente interessam a um grande número de pessoas. As cem conversas também apresentam respostas a questões enunciadas repetidas vezes nas mais de quarenta mil cartas enviadas a mim de todas as partes do mundo.

Apesar da enorme demanda por uma apresentação do pensamento sufi restrita a atitudes conhecidas ou expressões da cultura local, seria injusto, tanto para os sufis quanto para aqueles que poderiam aprender com eles, tentar entornar esse galão em um recipiente de meio litro.

O pensamento e a ação sufis requerem seus próprios formatos, nos quais podem se manifestar e operar. É por essa razão que sempre, no passado e nas suas inúmeras áreas de expressão, o sufismo estabeleceu e manteve suas próprias instituições e centros de ensino. Mas a atmosfera ocidental contemporânea, por mais que tenha negligenciado desenvolver por si mesma tais formatos, está, hoje em dia, muito mais preparada do que antes para aceitar a hipótese de que pode existir uma forma de aprendizado apresentada, concentrada e disseminada por instituições específicas e especializadas. Somente quando vemos as pessoas supondo que a forma externa de tais instituições, adequada a um lugar ou tempo específico, é tanto apropriada ao aqui e agora quanto representativa da coisa em si, é que cabe a nós apontar o fato de que opiniões desse tipo são limitadas e limitantes. Elas tornam aqueles que as sustentam incapazes de compreender, do mesmo modo que o labrego na história sufi não pôde se beneficiar da sua tigela de sopa porque “toda sopa tem pedaços”.

Era uma vez um homem que abriu um restaurante com uma boa cozinha, mesas atraentes e um excelente cardápio.

Um dos seus amigos apareceu por lá logo em seguida e disse: “Por que você não pendura um letreiro, como todos os outros restaurantes? Sugiro que coloque assim: ‘RESTAURANTE: COMIDA DA MELHOR QUALIDADE’.”

Quando o letreiro foi pintado e afixado, um outro sugeriu: “Você tem de ser mais específico, pois poderia estar falando de *qualquer* outro restaurante. Acrescente as palavras ‘SERVIDA AQUI’ e o letreiro estará completo.”

O proprietário achou a ideia boa e, mais uma vez, alterou o letreiro.

Pouco tempo depois, um outro chegou e perguntou:

“Por que você escreveu ‘AQUI’? Certamente, qualquer um pode ver *onde* é o lugar.”

Então, o dono do restaurante, mais uma vez, modificou o letreiro.

Imediatamente, mais um curioso que passava por ali questionou:

“Você não sabe que a palavra ‘SERVIDA’ é redundante? Todos os restaurantes e estabelecimentos servem. Por que não tira isso?”

Então, a palavra foi retirada.

Agora, um outro visitante disse:

“Se você continuar a usar a frase ‘COMIDA DA MELHOR QUALIDADE’, algumas pessoas acabarão questionando se a comida realmente é a de melhor qualidade, e alguns não concordarão. Para se proteger da crítica e da discórdia, seria prudente retirar as palavras ‘DA MELHOR QUALIDADE’.”

E assim ele fez. Agora, apenas a palavra ‘COMIDA’ era vista no letreiro, até que um sexto indivíduo pôs a cabeça na porta e argumentou:

“Por que colocou a palavra ‘COMIDA’ no seu restaurante? Qualquer um pode ver que se serve comida aqui.”

Então, o dono do restaurante retirou o letreiro. Ao fazê-lo, não pôde deixar de se perguntar quando, não um curioso ou um intelectual, mas alguém com fome, apareceria por ali...

Nessa história, é claro, o dono do restaurante é atormentado pela mentalidade literal das “pessoas da razão”, para as quais, assim como para todos nós, o intelecto desempenha um papel valioso. A comida que o nosso homem está tentando servir, entretanto, é “o alimento do coração”. O coração, na acepção sufi, representa as faculdades perceptivas superiores do ser humano.

Nosso poeta sufi contemporâneo, professor Khalilullah Khalili, meu mais ilustre compatriota, coloca isso da seguinte forma:

Em qualquer estado, o Coração é meu suporte;
Neste reino da existência, ele é meu soberano.
Quando me canso da perfídia da razão,
Deus sabe que sou grato ao meu Coração...¹

IDRIES SHAH, 1978

1 Khalili, Ustad Khalilullah. *Quatrains*. Bagdá: Al-Maarif Press, edição trilingue, 1975, p. 22-23.

APRENDER A APRENDER

ESTUDO REAL E
ESTUDO IMAGINADO

OS SUFIS E SEUS IMITADORES

O que se pode fazer a respeito dos imitadores? Observamos que desde que você começou a tornar o sufismo conhecido de forma realmente ampla no Ocidente, inúmeros pequenos grupos cresceram e outros inteiramente novos surgiram. E a maioria das pessoas percebe que esses grupos são apenas cultos, mas, de forma alguma, grupos sufis.

O MENINO E O EXAME

A pergunta me faz lembrar uma piada. Conta-se que, certa vez, um menino se deparou com a seguinte questão em um exame: “O que é *rabies* e o que se pode fazer a respeito?” A resposta do menino foi: “*Rabies* são sacerdotes judeus e não há *nada* que se possa fazer!”²

Esses sufis são sufistas, não são sufis, e não há nada que se possa fazer. Entretanto, estou interessado na suposição inerente, aquela que está atrás da pergunta, de que se deveria fazer algo a respeito dos imitadores, ou de que se *poderia*, de fato, fazer algo... Se tentarmos fazer qualquer coisa a respeito, corremos o risco de atrair um grande número de ex-sufistas desiludidos, que, a princípio, teriam a esperança de que poderíamos lhes dar A COISA VERDADEIRA, mas que ficariam duplamente desamparados, por assim dizer, quando descobrissem que um ramo da

2 A doença raiva em inglês é denominada *rabies*. Sua pronúncia se parece com *rabbis*, palavra do idioma inglês que significa “rabino”. Há aqui um jogo de palavras intraduzível para o português. (N. do T.)

indústria do entretenimento fechou suas portas e um outro ainda não foi inaugurado!

Estudos sufis no Ocidente e no Oriente contemporâneo – como deve ser lembrado – estão repetindo um padrão.³ Ao longo dos séculos sempre existiram sufis e seus imitadores. Talvez, para clarear as coisas na sua própria mente, você possa fazer a si mesmo a seguinte pergunta: “Por que eu imagino que existe alguma atividade que não tem imitadores, charlatões, confusão, ‘turistas’ e passageiros?” As pessoas não acham que podem fazer alguma coisa a respeito dos trapaceiros ou excêntricos que oferecem uma viagem à lua, exceto incrementar a informação pública sobre voos espaciais.

Não posso deixar de observar que quem fez a pergunta está definindo sua própria mentalidade e nos mostrando que está pensando de uma maneira mais estreita do que a imposta por suas limitações.

Se há algo que se pode fazer a respeito da imitação é disseminar a informação do verdadeiro. Mas, para tanto, dependemos da preparação de um público. Essa preparação implica um alargamento dos horizontes e o uso inteligente dos métodos de pensamento lúcido já correntes em todas as sociedades atuais, embora apenas recentemente incorporados à nossa área de interesse.

A atitude negativa é olhar para os imitadores. A positiva, certamente, é lembrar das palavras de Jalaluddin Rumi, ao dizer que o ouro falso existe apenas porque existe tal coisa como o Verdadeiro...

3 Os contos humorísticos não apenas contém estruturas valiosas para o entendimento, mas, também, sua utilização ajuda a descartar as pessoas carentes de senso de humor. Os sufis afirmam que aqueles que não desenvolveram ou que suprimiram sua capacidade de desfrutar do humor estão, neste estado de privação, também desprovidos da capacidade de aprendizagem na esfera sufi.

JAMI E AS APARÊNCIAS

Tanto os imitadores quanto os seguidores de formulações prévias, das quais apenas as aparências persistem, podem ser lembrados, especialmente com a leitura dos clássicos sufis, que aparência não é o mesmo que conteúdo. É nesse sentido que o grande mestre Jami nos fala no *Baharistan* (A Morada da Primavera):

A rosa se foi do jardim. O que fazer com as folhas e os espinhos?
O Shah não está na cidade. O que farei com sua corte?
Os atrativos são a gaiola. Beleza e bondade, o papagaio.
Tendo o papagaio voado, o que fazer com a gaiola?

A ANALOGIA DO CASACO DE PELE

No *Fibi ma Fibi* encontramos a alegoria do casaco de pele.⁴ “No inverno”, diz Rumi, “você procura uma vestimenta de pele, mas, quando chega o verão, não quer saber dela, é um estorvo. O mesmo acontece com as imitações dos ensinamentos verdadeiros: elas mantêm as pessoas aquecidas até chegar o momento em que podem ser aquecidas pelo sol...”

Assim, à semelhança da vestimenta de pele, as pessoas vão aderir a cultos e imitações porque essas coisas lhes convêm, respondem a algo no seu íntimo que pede por cultos e imitações.

4 Idries Shah faz referência à edição do professor Faruzanfar do *Fibi ma Fibi*, traduzida por A. J. Arberry com o título *Discourses of Rumi* (Londres, John Murray, 1961), nas passagens citadas neste livro. Remetemos o leitor, também, à edição brasileira: Rumi, Jalaludin. *Fibi ma Fibi: o livro do interior*. Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1993. (N. do T.)

Ao mesmo tempo, é claro, as pessoas imaginam todo tipo de coisas sobre si mesmas: que são autênticas, sinceras, que não se importam consigo mesmas, e sim com os outros ou com a verdade.

SHIBLI E AS PEDRAS

Em um famoso exemplo registrado no *Ilahi-Nama*, de Hakim Sanai, o mestre sufi Shibli de Khorassan, em um acontecimento dramático iniciado por ele, faz do autoengano um tema de ensinamento ilustrativo.

Por causa das suas afirmações extravagantes, que desagradavam às autoridades, Shibli foi acorrentado como um louco. Alguns, que o respeitavam, foram visitá-lo querendo saber como ele estava. Ele lhes perguntou quem se consideravam ser, e eles responderam que eram seus amigos.

Diante da resposta, Shibli lhes atirou pedras, e eles fugiram.

Shibli, então, gritou: “Vocês dizem que são meus amigos, que pensam em mim! Mas como acabo de demonstrar, vocês fugiram da minha aflição e, portanto, não estão preocupados comigo, e sim em se proteger das pedras!”

RECEBER O QUE NÃO ESTÁ NO SEU DESTINO

Além disso, devemos ter em mente o ensinamento do grande sábio Abu'l Hasan Khirqani, registrado no *Recital of the Saints* (Recitação dos Santos), obra de Attar:

As pessoas do mundo têm um destino fixo. Mas aquele que é desenvolvido espiritualmente recebe o que *não* está no seu destino.

Que mal há em imitar? Tenho certeza de que a maioria dos sistemas de desenvolvimento humano que são acessíveis ao público, senão todos, não passam de imitações. No entanto, se proporcionam prazer e um “gostinho” de uma realidade mais profunda às pessoas, não é evidente que têm algum valor?

OS NÓS OBSTRUINDO A TECELAGEM

Talvez você possa ver a situação de uma maneira diferente ao considerar uma analogia. Suponha que estivéssemos discutindo a arte da tecelagem e seu desenvolvimento. Suponha que as pessoas estivessem em um estágio em que seriam capazes apenas de atar nós em um fio, o que lhes dá prazer e pode ser considerado prenúncio da arte de tecer. Se as pessoas tivessem apenas imitado a fase dos nós e, além disso, tivessem-na considerado como a arte total, quando a tecelagem em si mesma teria vindo à tona, independentemente de quanto prazer estivesse associado à fase dos nós? Certamente, a amarração dos nós teria valor por si só, mas também constituiria uma barreira para se seguir adiante, se a ideia de existir alguma coisa à frente fosse “abolida” pelas pessoas ao acreditar que dar nós seria o mais longe que se poderia chegar no trabalho de tecelagem.

Aqui há dois pontos dignos de nota.

O primeiro é que o “prazer” não deve, certamente, ser combatido, mas existem muitas fontes de prazer, e buscar o prazer como parte de algo mais específico leva à confusão e a outras coisas mais.

O segundo é que se você ficar obcecado pelas fases iniciais de algo, imaginando-as como sendo o todo, não seguirá adiante.

A MULHER E O SER ESPIRITUAL

Observe essa antiga história sobre a mulher e o ser espiritual.

Era uma vez, uma pobre mulher que ajudou um ser espiritual disfarçado de andarilho vindo de muito longe, dando-lhe hospitalidade enquanto outros o haviam rechaçado. Ao deixar a casa da mulher, ele disse: “Que sua primeira tarefa de amanhã se prolongue por todo o dia!”

A mulher achou que aquela era uma maneira estranha de se agradecer a alguém, mas logo esqueceu o assunto.

No dia seguinte, um mercador levou para a mulher uma pequena quantidade de fio de ouro e lhe pediu que bordasse uma vestimenta, pois bordar era o trabalho da mulher, sempre que conseguia algum.

Ela desnovelou o ouro e bordou a roupa. Quando terminou, viu que havia mais fio de ouro no chão do que quando iniciara seu trabalho.

Então a mulher começou a enovelar o fio, e quanto mais ela enovelava, mais fio havia. Ela enovelou o fio de ouro durante todo o dia, e, ao anoitecer, tinha uma enorme quantidade. Por tradição, o excedente de fio pertencia à bordadeira.

Ela então o vendeu e, com o dinheiro, pôde restaurar e mobiliiar a casa e, também, estabelecer-se com uma boa loja.

É claro que os vizinhos ficaram curiosos. E a mulher lhes contou como e por que sua sorte havia mudado.

Algum tempo depois, um mercador dessa mesma cidade viu e reconheceu o “estranho com poderes mágicos”, com base no que a mulher havia contado sobre ele, e o convidou para ir à sua loja e casa. Ele demonstrou grande hospitalidade para com o ser espiritual, imitando a conduta das pessoas de mão aberta, e foi, até mesmo, atencioso ao extremo.

O mercador pensou: “Aí deve haver algo para mim e, certamente, para todos nessa cidade.” Ele adicionou a segunda parte

da frase aos próprios pensamentos porque imaginou que, pelo simples fato de pensar nos outros, conseguiria algo para si. Entretanto, como ele estava imitando a caridade e não pensava no bem dos outros como pensava no seu próprio bem, mas apenas o fazia de maneira secundária, as coisas não aconteceram com ele da mesma forma que com a mulher caridosa.

Quando o estranho estava prestes a partir, o mercador pediu:

“Dê-me uma bênção.”

“Eu não faço isso”, disse o estranho, “mas desejo que a sua primeira ocupação de hoje se prolongue por uma semana.”

Ele seguiu seu caminho e o mercador se dirigiu para o escritório, onde pretendia contar dinheiro, multiplicando-o, assim, por uma semana inteira.

Cruzando o pátio de casa, o homem parou para beber água do poço. Mas, tão logo puxou o balde, viu-se compelido a puxar outro e mais outro. E assim fez durante toda uma semana.

A água inundou-lhe a casa, depois a casa dos vizinhos e finalmente toda a cidade, levando-a quase à ruína...

ADQUIRINDO CONHECIMENTO

Como posso adquirir conhecimento sobre mim mesmo? Eu olho para organizações e instituições, tais como escolas e universidades, ou para empresas e profissões, e posso notar que estabeleceram uma reputação. Além disso, elas também fazem contratações e recrutamento, e têm objetivos. Por exemplo, se me torno um político estou almejando um cargo no ministério; se quero estudar medicina é para me tornar um médico, um pesquisador ou um professor. Quando abordo as ideias sufis, seja por meio de livros ou de pessoas, descubro que não há uma coerência semelhante ao que acabo de descrever; ou, se há, não consigo encontrá-la. Fico bastante confuso e conheço muitas outras pessoas que também ficam confusas tentando encontrar a mesma coerência. Por causa disso, também sinto que uma resposta a essa pergunta seria muito importante para aqueles que acreditam que deve haver verdade e valor no pensamento e na atividade sufis, pois produziram continuamente indivíduos notáveis, mas acham o “acesso” e o currículo desconcertantes.

É interessante observar essas palavras, não como uma lição de como são os sufis ou do que se trata o empreendimento sufi, mas porque mostram muito claramente o que as pessoas são e, como veremos logo a seguir, como se pode facilmente responder a elas fazendo uso de materiais, analogias e formas de pensamento que teriam sido capazes de adotar por si mesmas se fossem, de fato, tão analíticas e coerentes quanto imaginam ser.

Primeiro, é preciso ressaltar que justamente porque alguém pensa dessa maneira é que está desconcertado. Ele escolheu de forma arbitrária paralelos e premissas, e busca aplicá-los a nós.

Curiosamente, ele os aplicou de modo equivocado e, como resultado, chegou ao que, talvez, tenha buscado de forma subconsciente: confusão.

Uma maneira tradicional de responder à pergunta seria citar o provérbio: “Ainda que você corra com agilidade e rapidez, não poderá escapar dos próprios pés.”

Percorreremos algumas analogias e mostraremos como elas se aplicam a nós tanto quanto a qualquer um ou a qualquer outra coisa mencionada.

Em primeiro lugar, não cabe a nós satisfazer todo o aspirante a discípulo no que diz respeito à aplicabilidade sufi a ele e à integridade do sufismo, ou o contrário. Cabe ao candidato satisfazer a si mesmo; e, provavelmente, usará os mesmos métodos que aplica quando se propõe a estudar qualquer outra coisa. Mas ele deve se lembrar de que se for, por exemplo, a uma escola de medicina e perguntar: “Como posso saber que vocês são capazes de me ensinar?”, será conduzido até a porta da rua. Ele não está qualificado. Tal abordagem não demonstra uma conduta correta nem, tampouco, indica um nível de inteligência com o qual se possa ser ensinado. Existem muitos indivíduos que não adotam a atitude de um idiota, e é dever da escola de medicina dedicar seu tempo limitado a eles. Cabe a outra pessoa fazer o trabalho preliminar com você. Uma das funções dos livros já publicados é fornecer essa instrução.

Em segundo lugar, a reputação dos sufis já está suficientemente estabelecida, e se mantém assim devido a uma base de respeitabilidade assegurada por eles muito antes das numerosas instituições contemporâneas existirem. A flexibilidade, a viabilidade e a eficiência contínuas do sufismo (se é necessário esse tipo de medição) são, por si só, evidências do seu valor, levando-se em consideração os níveis de avaliação desses fatores no mundo cotidiano.

A coexistência de empreendimentos sufis genuínos e suas imitações apenas espelha o que ocorre com quase todos os outros tipos de instituição existentes no mundo. Não se trata, portanto, de uma novidade e possui, virtualmente, as mesmas características e origens.

Em terceiro lugar, a ideia de “contratação e recrutamento” varia, naturalmente, de acordo com o tipo de instituição. A contratação e o recrutamento de bancários, por exemplo, diferem da contratação e do recrutamento, digamos, de soldados. O indivíduo pode vir a ser um bancário e descobrir que não se ajusta ao tipo de vida de um bancário. Pode se tornar um político e descobrir que *se ajusta* a essa vida. Pode se inscrever como mergulhador de águas profundas e descobrir que a atividade não é exatamente o que esperava, a despeito da existência de uma grande quantidade de mergulhadores e escolas, e de uma literatura abundante sobre o assunto. O que você está buscando na atividade ou nos estudos sufis que não condiz com os exemplos acima?

Em quarto lugar, é claro, existe a questão dos objetivos. Suponha que você queira ser um político. Ninguém lhe dirá que você pode se tornar um ministro antes de trabalhar, por exemplo, como cabo eleitoral para um insignificante candidato ao parlamento, ou como lambedor de envelopes na central de um partido, ou até mesmo como caçador de votos para um membro obscuro do Conselho Rural. O objetivo, novamente, é se tornar um ministro ou um primeiro ministro. Quantas pessoas, ainda no começo da sua carreira política: (a) sabem o que é ser um primeiro ministro, ainda que almejem por isso? (b) realmente se tornarão um primeiro ministro? De qualquer forma, as pessoas que alcançam tal posição são aquelas que obedecem ao provérbio chinês: “A jornada de mil milhas começa com um único passo.”

Em quinto lugar, no que diz respeito à confusão, as pessoas geralmente ficam confusas porque não conseguem entender os

passos elementares que devem dar, ou porque, invariavelmente, apreciam a confusão, ou por qualquer outra razão que desconhecem. As origens de um estado de confusão podem, muitas vezes, ser descobertas simplesmente transpondo o problema para situações cuja estrutura é mais familiar, como acabei de fazer.

Entre os sufis, assim como entre aqueles que trilham outros caminhos, sempre foi exigido daquele que pretende participar que pratique certos requisitos que o qualificam para um aprendizado superior. Nas sociedades modernas, são encontradas exigências equivalentes e, muitas vezes, idênticas. Por existirem nas culturas contemporâneas tantas instituições com requisitos claramente definidos, deveria ser mais fácil para as pessoas, e não mais difícil, considerando-se que têm um desejo verdadeiro, entender essas exigências. Elas incluem: humildade, dedicação, abstinência, restrição e obediência. A menos que você exercite essas “virtudes”, não chegará a lugar algum no banco, no exército, na medicina, na política, nos serviços humanitários, ou em qualquer outra das muitas formas de empenho mundano. Se, por outro lado, você quer escapar dessas preliminares cansativas e se refugiar no sufismo, então sabemos como você é e não podemos, de modo algum, dialogar com você. “Dizer ‘sim’ ao caminho sufi é dizer ‘não’ a escapadas imaginadas.”

Não é por acaso que os sufis constatam que podem se conectar de modo mais construtivo com pessoas bem integradas no mundo e que, também, possuem metas mais elevadas, e que aqueles que adotam uma atitude sensata em relação à sociedade e à vida de modo geral podem, normalmente, assimilar muito bem os ensinamentos sufis.

Você começou sua pergunta com a questão da visibilidade das instituições de ensino. Mas o próprio mundo, assim como atitudes especiais, compreendidos de forma adequada, constituem a escola sufi. Lembre-se das palavras de Maghribi a um

recluso: “O que buscas em teu retiro/ Vejo claramente em cada estrada e aleia.”

É inútil acrescentar coisas externas, normas, por exemplo, à vida de alguém que já se atém a tantas normas improdutivas. É inútil acrescentar ideias a mentes que já estão cheias de ideias. As instituições de ensino podem se tornar visíveis quando a cabeça não está tão cheia de elucubrações.

SAADI E O HOMEM COM UMA CABEÇA CHEIA

Saadi conta a história de um homem que percorreu uma longa distância para visitar Koshyar. A cabeça do homem estava cheia de conhecimento imaginado e, conseqüentemente, de arrogância. Koshyar não lhe ensinou nada, e disse: “Você pode se achar sábio, mas nada pode ser colocado num recipiente cheio.”

Se estiver cheio de pretensão, continua Saadi, você, na verdade, está vazio. Esvazie-se das ideias improdutivas, ele ensina, de modo que possa vir até aqui se encher de percepções superiores e compreender o significado real.

Há uma noção amplamente difundida em sociedades não tradicionais, tal como a atual sociedade ocidental, de que a sua base científica faz com que as pessoas pensem, por alguma razão, de um modo diferente dos “antigos” ou “orientais”. Mas, curiosamente, os antropólogos mostraram que os hábitos do pensamento humano são bastante semelhantes em toda parte, e que os modelos e pressupostos adotados, digamos, pelos anciãos africanos e pelos americanos e europeus não são, de modo algum, diferentes. O fato de tal informação especializada não ter chegado ao conhecimento público é, em si mesmo, um indício do que argumenta R. Horton, por exemplo, ao comentar sobre as suposições não examinadas a respeito dos povos do Ocidente e da África:

As bases de um leigo (ocidental) para aceitar os modelos propostos pelo cientista, geralmente não diferem das bases de um jovem aldeão africano para aceitar os modelos propostos por um dos seus anciãos. Nos dois casos, os proponentes são reconhecidos como agentes legítimos de uma tradição. Quanto às regras que guiam os próprios cientistas na aceitação ou rejeição de modelos, elas raramente se tornam parte do equipamento intelectual dos membros de uma população mais ampla. Apesar da aparente atualidade do conteúdo da sua visão de mundo, o leigo ocidental contemporâneo raramente é mais “aberto” ou científico na sua perspectiva do que o aldeão africano tradicional.⁵

O conhecimento de si mesmo pode envolver – se estamos aprendendo no tempo presente – um conhecimento do modo de pensar da sociedade em que se está inserido e a compreensão de que se é, provavelmente, seu produto e de que esse conhecimento pode ser alcançado, efetivamente, pelas observações antropológicas e psicológicas feitas pelos sufis no decorrer do seu ensinamento de como adotar perspectivas extras novas e mais promissoras.

Isso implica: conhecer mais conhecendo a si mesmo, conhecer a si mesmo conhecendo como se pensa sobre os outros e “ver a si mesmo com outros olhos que não os seus”. Todas essas são formas de se aplicar as lições que, até agora, no Ocidente, estão apenas sendo apontadas, mas não relacionadas a tentativas de se promover as percepções daquilo que está além da consciência comum.

A afirmação: “Aquele que conhece a si mesmo conhece o seu Senhor”, significa, entre outras coisas, que o autoengano impede o conhecimento. A pergunta é sobre como adquirir conhecimento

5 Horton, R. African Traditional Thought and Western Science, in: *Africa*. International African Institute, 1967, p. 37.

de si mesmo. O primeiro *self* sobre o qual se deve obter conhecimento é o secundário, essencialmente falso, o *self* que obstrui, independentemente do quão útil ele seja para a realização de muitas operações diárias. Ele deve ser colocado de lado, transformado em algo que pode ou não ser usado por você – não algo que usa você.⁶

Isso se faz por meio da auto-observação: registrando como e quando esse *self* está operando, e como ele trapaceia. Certa vez, em uma audiência com o Shaykh Sufi Junaid, de Bagdá, um homem comentou que, naquela época, encontrar irmãos havia se tornado muito difícil.

COMO ENCONTRAR SEUS IRMÃOS

Junaid prontamente identificou a parcialidade dessa atitude e respondeu: “Se procuras um irmão para dividir teu fardo, irmãos são, na verdade, difíceis de achar. Mas, se estás à procura de alguém cujo fardo tu compartilharás, não há escassez de tais irmãos.”

OLHAR PARA SI MESMO, SEGUNDO ANSARI

Você quer ser capaz de avaliar as instituições dos sufis. Você quer obter conhecimento sobre si mesmo. É possível fazer o primeiro

6 A palavra *self* admite algumas traduções em português: eu, ser, ego, personalidade, etc. Porém, como esse termo, um conceito extremamente importante na obra de Idries Shah e no sufismo em geral, não encontra um correspondente exato em nenhuma dessas acepções, optamos pelo original em inglês. A explicação de um sufi contemporâneo a respeito do uso do termo *self* reforçou a nossa escolha: “É realmente uma questão de ‘estágio’. Até um certo estágio a percepção que se tem do *self* é sempre Ego. Então a pessoa vai polir e purificar esse *self* até que ele finalmente se conecte com o ‘Self Essencial’ da pessoa [que não é Ego]. Assim, como você pode ver, nós usamos a mesma palavra para algo que é irreal... até que ele se torna Real. (...) Às vezes, depois de anos de traduções, fica difícil enxergar esse sentido.” (N. do T.)

quando tiver realizado o segundo. O Shaykh Abdullah Ansari, de Herat, assim como todos os mestres sufis clássicos, afirma categoricamente que você deve se ver não com seus próprios olhos; ou seja, deve se distanciar da maneira habitual como olha para as coisas, do contrário, sua fixação com esse *self* secundário apenas se tornará mais forte e ocultará o conhecimento objetivo.

A ANALOGIA DO JARDINEIRO

Até que você possa ver a si mesmo como realmente é, de modo claro e constante, é preciso que confie na avaliação de um mestre, o jardineiro da comparação de Rumi, no *Fihī ma Fihī*:

Um jardineiro, ao adentrar um pomar, olha para as árvores. Ele sabe que esta é uma tamareira, aquela uma figueira, a outra uma romãzeira, uma pereira ou uma macieira. Para tanto, ele não precisa ver as frutas, apenas as árvores.

DIFICULDADES

Quais são as dificuldades encontradas na transmissão de conhecimento, hoje, no Ocidente?

Em relação às dificuldades encontradas em todas as épocas, as diferenças são poucas em essência, embora muitas na aparência. Para entender isso, você precisa alargar seus horizontes.

O que teria acontecido a você caso tivesse, por exemplo, pregado a higiene na Europa Ocidental durante a Idade Média? Para começar, você teria sido visto como um herege, pois apenas os infieis se lavavam. Teria sido castigado por pessoas de boa reputação por supor que era melhor do que elas, pois você se lavava e

elas não. Se tivesse ensinado sobre os micróbios, você teria saído impune? Se tivesse usado os meios de comunicação *deles* teria sido acusado de falta de modéstia ou algo pior; se tivesse tentado criar seu próprio meio de comunicação, teria sido acusado de nutrir intenções sinistras ou algo pior...

E, não menos importante: quem o escutaria? Os excêntricos, os ocultistas, os fracassados que estavam em busca de um atalho para o sucesso... Não aqueles que se tornariam as autoridades em higiene. Muito trabalho preliminar teria de ser feito para explicar os pressupostos, provar que o preconceito não tinha sentido, superar a difamação infundada.

TRANSPONHA A SUA PRÓPRIA BARREIRA

Hafiz, o grande poeta sufi, diz – e quão acertadamente – que as dificuldades se encontram dentro das pessoas, pois elas imaginam que coisas realmente irrelevantes sejam importantes nessa busca: “Você é sua *própria* barreira: supere-a.”

O PADRE E A COMUNIDADE

As pessoas confundem informação com conhecimento, e seus respectivos indícios. Isso acontece, principalmente, porque elas não sabem o que querem e pensam que querem algo, quando, de fato, não querem. Esta dificuldade afeta todo tipo de atividade no Ocidente.

Estive conversando, recentemente, com um padre encarregado de uma igreja em uma nova cidade em desenvolvimento.

Ele havia realizado uma pesquisa cuidadosa sobre o que seus novos congregados queriam: que tipos de sermão, como deveriam ser conduzidos, que temas os interessavam. Passou vários

meses fazendo isso. Quando terminou, ele possuía um quadro do que fora requerido, e forneceu os temas, o tratamento e a atmosfera solicitados pelas pessoas.

Durante as primeiras semanas, os fiéis compareceram ao ofício; depois, passaram a ir em número cada vez menor. Quando questionados sobre sua falta de interesse, a única razão que deram foi: “Não é como pensávamos que seria.”

Isso mostra, como você verá em inúmeras histórias sufis, que nem o mestre nem o aprendiz sabem, sem uma situação real que o indique, como o ensinamento deve ser conduzido – se não for realizado meramente por meio de doutrinação ou estímulo emocional – em casos específicos.

O fato de professores das mais diversas disciplinas pensarem que sabem ensinar e alunos pensarem que sabem aprender, obscurece o fato de que as pessoas, em geral, aceitam essa crença folclórica sem testá-la. A única exceção a ambas as partes funcionando assim por séculos, com retornos decrescentes, acontece em áreas como o comércio, onde ninguém pode se dar ao luxo de imaginar coisas: testes têm de ser feitos.

A DEMANDA POR RISADAS

Na televisão britânica, há um exemplo instrutivo. Certa vez, muitas pessoas reclamaram do hábito da produção dos programas de inserir a gravação de risadas depois de cada piada, ou de ter uma plateia no estúdio. Os espectadores não gostavam disso. O diretor de *Light Entertainment* na London Weekend Television, em 1970, curvou-se ante as críticas amargas e a avalanche de cartas, e removeu a plateia risonha. Acontece que os atores começaram a alegar que não podiam atuar devidamente sem as risadas que lhes davam ritmo. “Então”, prosseguiu o Sr. Barry Took, “eu trouxe a

plateia de volta e tudo ficou bem de novo. Praticamente as mesmas pessoas que haviam escrito para reclamar, escreveram novamente para dizer o quanto preferiam os programas com plateia.”

COMO VENDER LIVROS PARA OS ERUDITOS

Ao distribuir folhetos para os eruditos com listas de novos livros, encontramos um resultado semelhante. Folhetos elaborados numa linguagem acadêmica impecável deram pouco resultado em termos de venda. Porém, os escritos numa linguagem de propaganda de sabão em pó conseguiram que um grande número desses respeitáveis cavalheiros enviasse seus pedidos, apesar da seriedade dos assuntos tratados nos livros. Quando mencionei o fato em uma entrevista para um jornal, vários acadêmicos me escreveram concordando que preferiam uma propaganda “estimulante” e que o “tratamento erudito” os entediava...

OS MORTOS QUE ANDAM...

Tanto no Oriente quanto no Ocidente, uma das dificuldades de se transmitir o conhecimento sufi não mudou com o passar dos séculos. Como declarou o Sufi Abu'l Hasan Khirqani: “Muitas pessoas que estão, na verdade, mortas, estão caminhando pelas ruas; muitas que estão nas tumbas estão, na realidade, vivas.” Ele nos diz isso no livro de Attar sobre a vida dos mestres.

As dificuldades de se transmitir conhecimento – sobre as quais você pergunta – sugerem que apenas um pequeno número de pessoas pode aprender imediatamente o que está sendo ensinado. As outras precisam ser expostas à experiência e ao ensinamento até que suas percepções internas estejam aptas a se conectarem com a transmissão.

Muitas pessoas acreditam que seu interesse por um assunto já é preparação suficiente. E mais: não conseguem aceitar que outras pessoas possam ter capacidade perceptiva enquanto que elas mesmas têm de esperar.

JUNAID E OS DISCÍPULOS CIUMENTOS

Isso foi ilustrado de forma clara por Junaid um dia, quando alguns dos seus vinte discípulos estavam enciumados por causa da sua ligação com um deles. Ele então concebeu uma parábola-em-ação, sobre a qual vale a pena refletir.

Junaid chamou todos os discípulos e ordenou que trouxessem vinte galinhas. Cada pupilo foi instruído a levar uma das aves até um lugar onde não pudesse ser visto, e matá-la.

Quando retornaram, todas as aves estavam mortas. Todas exceto aquela levada pelo controverso discípulo.

Junaid perguntou a ele, na presença de todos os outros, por que não havia matado a galinha.

“Porque você me ordenou que fosse a um lugar onde eu não pudesse ser visto, e não existe tal lugar: Deus tudo vê”, respondeu o homem.

A dificuldade de se transmitir conhecimento está vinculada à orientação do aluno. Querer conhecimento não é suficiente. Como vimos no caso dos discípulos de Junaid, apenas um entre vinte agiu de acordo com suas próprias crenças.

A DOCÊNCIA SEGUNDO MUINUDDIN CHISHTI

A docência foi instituída pela seguinte razão: o aprendiz precisa aprender a aprender. Ao entender isso, compreende-se por que

o que diz Muinuddin Chishti não é uma afirmação assim tão radical:

Deve-se ter sempre em mente que qualquer coisa que o Guia Espiritual persuade seus discípulos a fazer e a praticar é para benefício do próprio discípulo espiritual.